

A habilidade de moldar em prosa a chuva de versos *

Édson Coelho

* Matéria jornalística publicada em 08 de junho de 1988, Caderno Dois de "O Liberal"

"Chove nos Campos da Cachoeira/ e Dalcídio Jurandir já morreu. Chove sobre a campã de Dalcídio Jurandir e sobre qualquer outra campã, indiferentemente./ (...) Mas a chuva não significa um epílogo, nem tampouco o esquecimento".

A chuva desses versos com que Carlos Drummond de Andrade iniciou seu poema **Canções de Alinhavo**, do livro **Corpo**, não é, para os paraenses, o elemento melancólico comumente utilizado pelos poetas para retratar sua tristeza interior. Para os paraenses ou paraoaras ou outro termo caboclo menos divulgado, que é o que possivelmente Dalcídio empregaria, ela já faz parte do cotidiano, com que já se aprendeu a conviver, inclusive em termos de horários.

E para todos os estudantes, professores, literatos, para todas as pessoas que tiveram e têm contato com a celebrada obra desse paraense marajoara, a chuva dos versos de Drummond significa toda a tristeza de saber que em 16 de junho de 1979 morreu Dalcídio Jurandir, no dizer de Jorge Amado, um dos maiores ficcionistas brasileiros e no sentimento de todos os amantes da boa literatura uma vida inscrita no tempo com frases de mestres, e que ressuscitará a cada nova leitura de seus livros.

E é nesses livros, doze ao todo, que a personalidade paraense aparece ricamente retratada, do córrego que faz barulho no mais longínquo interior à pulsação mais íntima da recatada Belém dos meados desse século. É a essência da obra de um mestre cuja maior qualidade era ser completo, a nível de urdir o enredo fictício e ao ato de colocá-lo no papel.

Recordar o que não viveu

"Dalcídio urdia de tal forma seu texto literário que é quase impossível precisar nele o que é real e o que é puramente ficção", diz a professora Célia Bassalo, a atual diretora do Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Pará. Mas essa integração entre ficção e realidade, possibilitada pela maneira como a ficção se concretiza na obra de Dalcídio, é apenas um dos aspectos que ela destaca em seus livros.

Ela possuía a maravilhosa capacidade de transformar

em poesia um assunto eminentemente prosaico e a utilizava para retratar, com riqueza de detalhes a vida paraense em todas as suas nuances, de maneira que a leitura de sua obra nos remete a tempos que não conhecemos mas passamos a reconhecer, despertando em nós um prazer de natureza especial, que é o de recordar aquilo que não vivemos -, afirmou.

Mas, segundo Célia, se Dalcídio era perfeito em sua fidelidade à realidade retratada era também irrepreensível quando envolvia essa mesma realidade com aspectos fantasiosos: "Ela praticava uma 'deformação perfeita da realidade', utilizando a fantasia para criar situações de verossimilhança totalmente convincentes", afirmou.

Outra coisa que ela destaca no aspecto estilístico da obra de Dalcídio é o ritmo que embala cada frase: "Percebe-se claramente seu trabalho de construir a frase dentro de uma musicalidade, o que conseguiu distribuindo as palavras em número exato dentro de cada período, palavras que por sua vez combinam-se entre si, não só por seu significado semântico mas também pelo que sugerem em termos de som, o que caracteriza a 'poetização' de sua prosa".

A professora Célia afirmou que em 1982, na UFPa, tornou-se obrigatória, para os alunos do básico de todos os cursos, a leitura dos livros **Chove nos Campos da Cachoeira** e **Marajó**. Segundo ela, essa foi uma maneira de levar os alunos que se iniciavam na vida universitária a tomarem conhecimento da obra de Dalcídio.

Mas, apesar de todos os esforços, por parte de dirigentes e professores, a obra de Dalcídio continua desconhecida do público estudantil, inclusive o universitário.

Segundo Célia, um dos fatores que mais influenciam para este fato é a não reedição de seus livros, cujas tiragens anteriores estão todas esgotadas.

Frase curta: verso

"Dalcídio escrevia em prosa como se versejasse, tal a capacidade que possuía para valorizar todos os aspectos da palavra, inclusive os sonoros. Suas frases curtas, em que essa prática obtém seus momentos mais belos, são

verdadeiros versos”, afirmou Reivaldo Vinas, poeta e concluinte do curso de Letras da Universidade Federal do Pará.

Além do aspecto sonoro, tão caro a Dalcídio, Reivaldo destaca também a perfeita adequação entre a palavra e o assunto por ela expresso: “É como se a palavra não tivesse um significado geral, existisse apenas para expressar o tema em que Dalcídio a empregava, sobre tudo nas passagens inteiramente regionalistas, em que o linguajar do interior paraense constitui um atrativo a mais dentro da virtuosidade de imagens enfeixadas por ele”. Reivaldo acrescentou que todas essas características, evidenciado que o texto dalcidiano era construído a partir da palavra e não da frase, como é usual nos textos em prosa, geralmente destinados a expressar determinado conteúdo, faz com que a palavra assumira uma dimensão maior dentro da frase e do texto, configurando um estilo, que, acentuadamente paraense, foi consagrado a retratar a psicologia da região amazônica.

Ser paraense do interior

“Ler os livros de Dalcídio é percorrer os bairros periféricos de Belém, aprender a conviver com a saúde e com a doença, com a miséria e com a fome, é beber açaí, é tomar tacacá, é comer peixes amazônicos, é banhar-se em rios e igarapés, é ter medo do boto, correr do Candiru, é tomar banhos cheirosos, enfim, é experimentar outras formas de viver, diferentes de tudo que se possa imaginar na vida das cidades: é ser paraense do interior”.

Este é um trecho de um livro que está sendo escrito pela professora de Língua Portuguesa da UFPa Rosa Assis. Segundo ela, o livro é basicamente um estudo do vocabulário paraense utilizado por Dalcídio em suas obras, com o objetivo de elaborar um glossário da linguagem popular dalcidiana.

Esse estudo, iniciado em 82, já foi procedido em sete dos doze livros do escritor e, segundo a professora, a conclusão mais elementar a que ela imediatamente chegou é que “Dalcídio consegue equilibrar com bastante desenvoltura as linguagens literária e popular, levando o leitor a imaginá-lo mais falando do que escrevendo”. Ela acrescentou que ele foi um dos pioneiros na utilização de uma linguagem realmente amazônica, o que fez com extrema competência, fazendo soar, naturais até mesmo as palavras desconhecidas.

E a fama e o reconhecimento da obra de Dalcídio Jurandir não se restringem apenas ao Pará. O crítico carioca Álvaro Moreyra disse que o romancista paraense “não é um escritor que escreve, é um homem que fala”.

Nelson Werneck Sodré afirmou o seguinte, em comentário a **Chove nos Campos de Cachoeira**: “Não é apenas por sua fidelidade ao ambiente que merece apreço; mas também por sua força descritiva, plena de verdade e de beleza, pela sua maneira de fazer viver a gente que povoa as suas páginas”.

Chove sobre as copas das mangueiras de Belém e sobre quaisquer outras copas, só que diferentemente. “A chuva não é um epílogo, e nem tampouco o esquecimento”. A maneira de viver de um povo e os costumes e peculiaridades de uma região pulsam nas obras de um seu intérprete: Dalcídio Jurandir não morreu.

